

COMO DEUS REALIZA O
EXTRAORDINÁRIO
ATRAVÉS DE PESSOAS COMUNS



Gideão

e os

300

EDIR MACEDO

EDIR MACEDO

Gideão e os 300

COMO DEUS REALIZA O
EXTRAORDINÁRIO
ATRAVÉS DE PESSOAS COMUNS

SÃO PAULO
2020

Gideão e os 300

Como Deus realiza extraordinário através de pessoas comuns

Edir Macedo

Sumário

Capítulo 1

Os juízes que antecederam Gideão

Capítulo 2

Clamando

Capítulo 3

O chamado de Gideão

Capítulo 4

O lagar

Capítulo 5

A força de Gideão

Capítulo 6

A baixa autoestima de Gideão

Capítulo 7

O sinal

Capítulo 8

A oferta perfeita para o fogo

Capítulo 9

A oferta e o fogo

Capítulo 10

O Altar

Capítulo 11

O segundo boi

Capítulo 12

Ser revestido do Espírito

Capítulo 13

Colocando Deus à prova

Capítulo 14

Selecionando os trezentos

Capítulo 15

Trombetas, cântaros e fogo

Capítulo 16

O sonho dos inimigos

Capítulo 17

Diretrizes para a guerra

Introdução

O livro de Juízes descreve o ciclo de declínio e renovação espiritual na vida de Israel como nação, o qual também simboliza a situação espiritual vivida pela maioria dos cristãos atualmente.

Do ponto de vista histórico, o livro de Juízes retrata um período turbulento na história de Israel. Josué havia conquistado Canaã, mas ainda não havia estabelecido sua conquista. Esse é um grande problema encontrado na vida da maioria das pessoas. Elas até conquistam algumas bênçãos, mas falham em estabelecê-las através de um compromisso sério com o Abençoador. E quando as migalhas das bênçãos terminam, voltam novamente à estaca zero.

Elas são como as sementes que foram semeadas entre as pedras. Ouvem a Palavra e, imediatamente, a recebem com alegria; mas, quando chega o calor da tribulação, não resistem e morrem espiritualmente (cf. Mateus 13.5-6).

A história registra que a tribo de Manassés não expulsou o povo de Bete-Seã, Taanaque, Dor, Ibleão, Megido ou seus assentamentos vizinhos; pois os cananeus estavam determinados a habitar naquela terra. A tribo de Efraim também não expulsou os que moravam em Gezer; assim, os cananeus viveram entre eles. Zebulom também não expulsou o povo de Quitrom ou de Naalol, mas permitiu que ficassem ali para serem usados como escravos.

O mesmo aconteceu com a tribo de Aser. Ela não expulsou as pessoas que moravam em Aco, Sidom, Alabe, Aczibe, Helba, Afeque e Reobe. Em vez disso, o povo de Aser vivia entre os cananeus da terra. Da mesma forma, Naftali não expulsou os que viviam em Bete-Semes ou Bete-Anate, mas também viveram entre os habitantes da terra, e os moradores de Bete-Semes e Bete-Anate se tornaram seus escravos (cf. Juízes 1.27-33).

Isso exemplifica a vida das pessoas que se convertem, mas não o fazem de todo o coração; antes, insistem em se manter presas ao seu passado imundo. Em outras palavras, elas querem a salvação, mas não querem abandonar as concupiscências da carne ou mesmo suas tradições idólatras. Querem servir ao Senhor Jesus, mas não querem deixar de lado suas festividades pagãs.

A história nos diz que, quando Israel se fortaleceu, submeteu os cananeus a trabalhos forçados, e não os expulsou completamente. Israel preferiu tirar proveito de seu poder para escravizá-los a obedecer à voz de Deus e expulsá-los completamente. Diante disso, o Senhor determinou: ***“Não os expulsarei de diante de vós; antes estarão como espinhos nos vossos lados, e os seus deuses vos serão por laço”*** (Juízes 2.3).

O Senhor ordenou a total expulsão dos cananeus, para que Seu povo não fosse corrompido pela idolatria generalizada existente entre eles. Mais tarde, isso se tornou um problema constante entre o povo de Israel, resultando em um ciclo de altos e baixos em seu relacionamento com Deus.

Enquanto Josué estava vivo, o temor a Deus prevaleceu; mas, depois que ele e sua geração morreram, outra geração cresceu, que não conhecia ao Senhor nem sabia o que Ele havia feito por Israel. Então, os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos do Senhor e se entregaram à corrupção moral e espiritual. Por essa razão, o Senhor retirou Sua unção e, conseqüentemente, os israelitas não tinham mais forças para resistir aos inimigos que os rodeavam. Sempre que Israel saía à luta, não podia contar com a ajuda do Deus de seus pais.

A desobediência — ou o pecado — sempre acende a chama da dúvida. A dúvida, por sua vez, anula o poder da fé.

Mesmo assim, em meio a gemidos de derrota, os israelitas clamavam, e o Deus de infinita misericórdia levantava um líder para libertá-los. Porém, quando esse líder morria, eles voltavam à corrupção de seus corações lascivos e se tornavam piores do que os seus pais. Por isso, o Senhor se irou com Israel e disse:

Porquanto este povo transgrediu a Minha aliança, que tinha ordenado a seus pais, e não deram ouvidos à Minha voz, tampouco desapossarei mais de diante deles a nenhuma das nações, que Josué deixou, quando morreu.

Juízes 2.20-21

Capítulo 1

Os juízes que antecederam Gideão

O período dos juízes de Israel precedeu o período dos reis. Os juízes eram pessoas comuns, porém, escolhidas e ungidas por Deus para guiar, julgar e edificar o povo de Israel.

Habilitados com a visão da vontade de Deus, os juízes eram escolhidos como profetas e lideravam Israel na guerra contra os seus inimigos. Alguns deles se destacaram por sua fé sobrenatural no Deus de seus pais.

Otniel

O povo de Israel fez o que era mau aos olhos do Senhor e serviu aos deuses da chuva e da fertilidade em Canaã. O culto a Baal e sua parceira, Aserá, incluía o sacrifício de animais, toda forma de imoralidade sexual e, ocasionalmente, o sacrifício de crianças.

Novamente, a ira do Senhor ardeu contra Israel, e Ele os entregou nas mãos do rei da Mesopotâmia. Após oito anos de escravidão, Israel clamou e o Senhor lhes deu um libertador. Então, o Espírito do Senhor veio sobre Otniel, sobrinho de Calebe, que libertou Israel da escravidão (cf. Juízes 3.5-11).

Eúde

Houve paz na terra por quarenta anos, até a morte de Otniel. Mas, outra vez, os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos do Senhor. E, novamente, o Senhor retirou deles a Sua proteção. Por essa razão, os amonitas e os amalequitas se uniram aos moabitas e, sob a liderança do rei de Moabe, atacaram Israel. A partir de então, o povo de Israel foi forçado a servi-lo e lhe pagar impostos.

Por dezoito anos, o povo de Israel serviu a Eglom, rei de Moabe. Mais uma vez, os filhos de Israel clamaram ao Senhor e Ele levantou um outro libertador, chamado Eúde.

Eúde, corajosamente, subiu ao rei de Moabe e o matou. Depois disso, ele subiu às montanhas de Efraim e tocou a trombeta, convocando os filhos de Israel à guerra contra Moabe. Sob sua liderança, os filhos de Israel venceram cerca de dez mil guerreiros moabitas em uma única batalha, todos fortes e corajosos. Nenhum deles escapou!

Assim, Moabe ficou sujeito ao poder de Israel naquele dia, e a terra permaneceu em paz por oitenta anos (cf. Juízes 3.12-30).

Débora e Baraque

Após a morte de Eúde, o povo de Israel novamente fez o que era mau aos olhos do Senhor; e, novamente, o Senhor os entregou a seus inimigos. Jabim, rei de Canaã, reinou em Hazor e teve Sísera como comandante de seu exército. Por vinte anos, o rei de Canaã oprimiu cruelmente o povo de Israel.

Naquela época, uma mulher chamada Débora, cheia do Espírito de Deus, exercia liderança espiritual em Israel. Sua fé e sua devoção ao Deus de Abraão,

Isaque e Israel a qualificaram para ser escolhida e eleita como profetisa em Israel.

A história de Israel nos revela que Deus só nomeava um líder em resposta ao clamor do povo — mas não foi assim com Débora! Ela foi ungida como profetisa por causa de sua comunhão com Deus! O caso dela foi uma exceção, uma vez que a posição de profeta era, normalmente, ocupada por homens.

E por que ela foi escolhida? Sem dúvida, porque ela era a única pessoa naquela nação com quem Deus podia contar! Tanto que, quando ela, por ordem divina, chamou Baraque para liderar Israel contra os cananeus, ele se recusou a ir sem ela. Se o comandante do exército de Israel era fraco, apesar de ter sido escolhido por Deus, você pode imaginar o nível de fé do restante de Israel!

Débora era única entre o povo de Israel. Ela ensinava e ouvia o povo nas montanhas de Efraim. Sua vida foi vivida no Altar natural daquelas montanhas, e aqueles que queriam receber respostas de Deus deveriam subir as montanhas para encontrá-la.

Através da intercessão de Débora, o Senhor respondeu ao clamor de Seu povo e levantou Baraque para libertá-los. Por quarenta anos, isto é, uma geração, o povo de Israel teve paz (cf. Juízes 4).

Gideão

Mais uma vez, os israelitas se esqueceram do livramento que o Senhor lhes havia dado e se voltaram para o que era mau. Consequentemente, mais uma vez, o Senhor retirou Sua proteção e eles caíram nas mãos de seus inimigos.

Os sete anos de opressão nas mãos dos midianitas valeram por décadas de opressão por qualquer outro inimigo. Isso porque os midianitas eram muito mais ferozes e cruéis. A opressão deles foi tão traumática que Israel, para sobreviver, teve de fugir das cidades para as montanhas. Pressionados pelas circunstâncias, os israelitas tiveram de cavar covas às pressas e encontrar cavernas, para se abrigarem e se esconderem com suas famílias.

Como se isso não bastasse, na tão esperada época da colheita, os midianitas se uniam aos amalequitas, e aos outros povos do Oriente, e destruíam tudo o que restava em Israel, isto é, as colheitas, as ovelhas, os bois e até os jumentos, os quais tinham pouco valor. O objetivo deles era eliminar Israel de uma vez por todas, à espada ou pela fome.

O povo de Israel tinha, de certa forma, um lugar para se esconder; mas não conseguia resolver o problema da fome. É o que acontece com muitas pessoas que, de um jeito ou de outro, conseguem se abrigar em um lugar — seja na casa de parentes ou vizinhos, em barracos e até mesmo embaixo de uma ponte —, mas não há abrigo, refúgio ou fuga da fome. Quando o estômago é atingido... algo deve preenchê-lo!

É interessante notar que os midianitas não faziam parte da terra prometida. Eles eram descendentes da união de Abraão com Quetura e herdaram, dele, a península árabe (onde hoje está a Arábia Saudita), para que não tivessem herança na terra de Canaã junto com Isaque (cf. Gênesis 25.1-6).

Apesar disso, eles alimentavam um ódio mortal contra os hebreus, assim como todos os outros povos do Oriente. Esse ódio dos irmãos paternos de Israel começou com a inveja de Caim por Abel e se estendeu, através dos tempos, até

os dias atuais. Isso também reflete o ódio que os falsos filhos de Deus têm contra os verdadeiros, ou seja, aqueles que realmente nasceram de Deus.

A situação dos filhos de Israel nunca havia sido tão crítica desde que chegaram àquela terra. Aquelos sete anos de opressão e fome foram os piores de toda a história.

É extremamente importante registrar as lições a serem tiradas através dos altos e baixos da história dos hebreus, uma vez que existem pontos em comum à vida dos verdadeiros cristãos de hoje:

Primeiro: A prosperidade e a paz que alcançaram os levaram a relaxar na fé, fazendo com que a sua comunhão com Deus se esfriasse e que se entregassem aos desejos da carne.

Segundo: O seu declínio espiritual os levou a um constante ciclo de fracassos.

Terceiro: O sofrimento e a dor os levavam à humilhação e os faziam clamar ao Deus de seus pais.

Quarto: Em resposta ao seu clamor ao Deus de Abraão, Isaque e Israel, o Senhor levantava alguém para libertá-los e restaurar a paz e a prosperidade.

Resumindo, Deus agia em relação aos filhos de Israel da mesma maneira que eles agiam em relação a Ele. Quando O desprezavam, o Senhor os abandonava; mas quando O buscavam de todo o coração, o Senhor Se manifestava e os livrava.

Isso significa que a vida de uma pessoa depende da qualidade do seu relacionamento com Deus. A vida depende da fé no Senhor Jesus, da comunhão com Ele. Quando a fé sobrenatural está saudável, a vida também está bem. Mas, quando a fé está doente, a vida também está mal. Uma coisa depende da outra.

Deus está sempre pronto para receber as nossas atitudes de fé nEle e reagir em nosso favor!

Portanto, a inteligência sugere que devemos investir em nossa fé, em um relacionamento sincero com o Senhor Jesus Cristo através da obediência à Sua Palavra. Não basta cumprir algumas obrigações ou tentar manter as tradições religiosas vivas... É necessário muito mais!

A liberdade tem um preço, assim como tudo na vida. Se queremos a materialização das promessas de Deus em nossas vidas, precisamos, primeiro, materializar a nossa fé no Senhor Jesus. Não há como mudar a lei da ação e reação, do plantar e colher, do dar e receber...

Deus não exige nada além daquilo que podemos oferecer.

Capítulo 2

Clamando

Como vimos, a condição espiritual de Israel havia se deteriorado. Por esse motivo, o estado econômico e político da nação entrou em colapso, não havendo mais esperança de vida naquele país. Os filhos de Israel semearam rebelião, prostituição e idolatria — e colheram seus frutos.

Quando se viram extremamente enfraquecidos pela presença massiva e destrutiva dos midianitas, os filhos de Israel clamaram ao Senhor.

Clamar é diferente de fazer uma oração. Em uma oração, as palavras soam como um apelo ou um gemido. O clamor é diferente porque é feito apenas em situações de extremo desespero. A pessoa precisa chegar no fundo do poço, ou no limite da dor e da aflição, para então clamar.

Quando os escritores sagrados registraram o clamor do povo de Israel, estavam se referindo à expressão mais profunda de angústia, dor e desespero, uma vez que ninguém, realmente, clamaria desesperadamente enquanto lhe restasse um fio de esperança.

Capítulo 3

O chamado de Gideão

Vimos que Deus levantou líderes em Israel em diferentes situações, sob diferentes circunstâncias. Foi assim com Otniel, Eúde, Débora e Baraque.

Mas o chamado de Gideão foi um caso à parte, tendo em mente que o próprio Anjo do Senhor — provavelmente o Senhor Jesus — veio encontrá-lo pessoalmente. A aparição do Senhor, em seu chamado, revela que Gideão era, de alguma maneira, diferente de seus antecessores. Deus não apareceu pessoalmente a todas as pessoas que escolheu para um trabalho especial; apenas alguns tiveram esse encontro tão extraordinário. Abraão, Isaque, Jacó, Moisés e Josué foram alguns dos poucos privilegiados até então.

E Gideão faz parte dessa lista especial. Mas por quê?

Porque Gideão estava em sintonia com Deus! Sua profunda expressão de revolta e indignação eram, de fato, os sentimentos do próprio Deus!

O sofrimento e a dor das pessoas refletem a maneira como Deus se sente em relação às pessoas no mundo. E quando alguém sente a mesma dor que Deus sente, é um sinal de seu chamado.

Ao conversar com o Anjo, Gideão manifestou o que Deus tinha em Seu coração — a revolta e a indignação pelo desastre que os inimigos haviam causado ao Seu povo. Por isso, Deus veio pessoalmente até ele!

Na cabeça de Gideão, não fazia sentido ter fé em um Deus tão poderoso e, ainda assim, viver sob a opressão de seus inimigos. Como eles poderiam crer no Deus Todo-Poderoso e viver à beira do desespero, opressão e dor?

Somente uma fé sem inteligência pode combinar a crença em Deus com fome, miséria, dívidas, doenças, famílias desfeitas — ou seja, total desgraça!

Capítulo 4

O lagar

O fato de Gideão estar malhando o trigo em um lagar era um sinal claro do desespero predominante naqueles dias, uma vez que o lagar não era lugar de se malhar o trigo, mas sim de se prensar as uvas. Antigamente, toda vinha tinha o seu próprio lagar, que geralmente consistia em um tanque de três metros quadrados cortado na rocha.

Malhar, ou separar o joio do trigo, exigia uma eira espaçosa no topo de uma colina, com espaço suficiente para comportar grandes volumes de grãos. Por esse motivo, um lagar era totalmente inapropriado e pequeno demais para debulhar o trigo. Malhar o trigo em um lagar significava que:

Primeiro: A quantidade de trigo era muito pequena.

Segundo: O trabalho estava sendo realizado secretamente, uma vez que o trabalhador, em um lagar, não ficava tão exposto quanto em uma eira.

Terceiro: A humilhação era óbvia, já que apenas uma pessoa completamente desesperada usaria um lagar para malhar o trigo.

Quarto: Malhar o trigo em um lagar significava extrema necessidade.

Quinto: O Anjo do Senhor não apareceu para aqueles que estavam escondidos nas cavernas e nas covas! Pelo contrário, Ele apareceu para quem estava arriscando a própria vida por um punhado de trigo.

Malhar o trigo em um lagar seria, atualmente, equivalente a realizar um trabalho extremamente pesado por menos do que o salário mínimo. Em suma, malhar o trigo em um lagar significa vergonha, medo, humilhação, necessidade, desespero...

Quando o Anjo apareceu e, gentilmente, cumprimentou Gideão dizendo: **"O SENHOR é contigo, homem valoroso"**, imediatamente, cheio de revolta, humilhação e dor, ao invés de se ajoelhar no chão, glorificá-Lo e dizer aleluia, Gideão respondeu:

Ai, Senhor meu, se o SENHOR é conosco, por que tudo isto nos sobreveio? E que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o SENHOR subir do Egito? Porém agora o SENHOR nos desamparou, e nos deu nas mãos dos midianitas.

Juizes 6.13

A princípio, o Anjo se dirigiu a ele com apenas seis palavras, mas Gideão respondeu com cinquenta. Isso revela a condição do seu coração: profundamente aflito. E assim ele reagiu com ousadia e ira justa diante do Senhor.

Notamos em sua resposta que:

1. Gideão se considerava um servo fiel ao Senhor, pois disse: **"Ai, Senhor meu"**.

2. Ele não fazia parte do grupo que levou Israel ao seu declínio espiritual; caso contrário, ele não teria perguntado: *"Por que tudo isto nos sobreveio?"*.
3. Ele sabia das grandes maravilhas que Deus havia realizado no passado, especialmente aquelas que provocaram a libertação de seu povo da opressão egípcia. Exatamente por isso, ele não aceitava as condições em que estava vivendo!
4. Ele protestou contra o fato de que Deus havia abandonado Israel, revelando que tinha fortes convicções pessoais sobre Deus e seus direitos pela fé.

Em sua resposta, Gideão manifestou a fé sobrenatural em sua forma mais pura e, porque essa autoridade de Deus está disponível para todos os que nEle creem, o Anjo respondeu: *"Vai nesta tua força, e livrarás a Israel"* (Juízes 6.14).

Capítulo 5

A força de Gideão

A força de Gideão, obviamente, não estava do lado de fora, mas no mais profundo do seu ser. Por saber da existência do Deus de Abraão, ele estava determinado a rejeitar aquela situação imposta pelos seus inimigos.

O maior problema das pessoas não está na situação difícil em que se encontram, mas no que elas pensam a esse respeito. Se alguém está sofrendo por causa de um determinado problema, mas não acredita que há uma saída, como pode lutar contra ele?

Agora, entendemos por que o Senhor Jesus perguntou ao cego: **“Que queres que te faça?”** (Marcos 10.51). O Senhor sabia muito bem do que o cego precisava, até porque era óbvio, mas o Senhor queria a confissão de sua fé! Em outras palavras, ele teve de manifestar sua fé para que o seu problema fosse resolvido. É claro! Se o cego não acreditasse que seria curado, ele jamais teria clamado ao Senhor Jesus. Para que uma pessoa seja livre de seus problemas, primeiro deve crer que isso é possível. Essa crença é a sua força!

Essa era a força de Gideão. Uma energia interior capaz de levá-lo à luta e à conquista da vitória. Tudo o que o Anjo disse a Gideão foi apenas uma palavra: VAI! De fato, foi a mesma palavra que o Senhor Jesus disse ao cego: VAI!

O combustível de um motor é a gasolina, o gás, o diesel, o hidrogênio, o álcool ou a eletricidade; o combustível da vida é o oxigênio; mas o combustível que leva uma pessoa à vitória é a fé que vem de Deus. Quem quer conquistar os benefícios da fé deve ouvir a sua voz e agir.

O homem ou a mulher de Deus deve encher seu “tanque” com esse combustível. Mas se eles não “ligam” o motor, isto é, se não agem a fé, não adianta ficar cheio de combustível ou cheio do Espírito Santo.

A fé sobrenatural é a energia de Deus dentro de nós, mas Ele não pode nos forçar a tomar atitudes. Devemos agir por iniciativa própria.

O Anjo de Deus escolheu Gideão, entre milhões de pessoas, porque seu “tanque” estava cheio. No entanto, ele não estava ciente de seu próprio poder. Ele não conhecia o poder que tinha dentro de si. Por quê? Porque seus olhos espirituais estavam fechados.

Enquanto prestava atenção às informações que lhe eram fornecidas por seus olhos físicos, só via dificuldades, miséria, fome, medo, humilhação, o poder dos inimigos, a fraqueza de Israel etc.

Mas uma voz gritou dentro dele: “Basta! Esta situação não pode continuar! O meu Deus é o mesmo dos meus pais Abraão, Isaque e Israel. Se Ele os libertou no passado, Ele nos libertará hoje!”.

Em outras palavras, quando seus olhos físicos chamaram a sua atenção para a situação ao seu redor, seus olhos espirituais reclamaram e o perturbaram internamente... Houve um conflito interno. De um lado, a voz dos sentimentos despertada por sua visão física; do outro, a voz da fé estimulada pelo conhecimento do Deus Vivo.

Quando o Anjo apareceu para Gideão, Ele simplesmente acendeu a chama de sua força, dizendo: “O que você está esperando? Vá e salve Israel! Não estou lhe enviando? Vá logo! Vá de uma vez! Vá agora mesmo!”.

Você, provavelmente, já percebeu que a fé está intimamente ligada à ação. Fé é ação. É fazer alguma coisa.

Capítulo 6

A baixa autoestima de Gideão

A princípio, em sua conversa com o Anjo, Gideão foi positivo e determinado quando manifestou sua revolta contra a situação de seu povo. Mas, logo após ser escolhido para salvar Israel, ele recuou. Parece que o peso da responsabilidade o fez cair em si acerca da sua situação, e ele começou a usar suas limitações físicas como desculpa: “Ó, meu Senhor, como posso salvar Israel? Não tenho exército, armas, dinheiro, nada! A situação financeira da minha família é muito ruim. Nós somos os mais pobres da tribo de Manassés, e eu sou o menor da casa de meu pai! Quem sou eu?”.

Apesar de sua nobre ascendência, uma vez que Manassés era o primogênito de José, filho de Jacó, a família de Gideão ainda era a mais pobre. O fato de José ter sido o segundo homem mais poderoso do Egito não significava nada para a família de Gideão, até porque eles moravam em Canaã e não no Egito.

Como se isso não bastasse, ele ainda era o menor na casa de seu pai, não em altura física, mas em importância.

Resumindo: Gideão era o menor dos menores. Em toda família, há quem se destaque e a quem passe despercebido. Gideão era simplesmente o último...

Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante Ele.

1Coríntios 1.27-29

Seu caráter modesto e humilde, apesar de forte e determinado por dentro, é uma característica marcante no perfil dos escolhidos por Deus. Por isso, o Senhor lhe disse, em outras palavras: “Eu sou com você... vá em frente! Você vai ferir essa multidão de midianitas como se fosse um só homem!”

Essa promessa foi suficiente para encorajá-lo, mas não a ponto de levá-lo a agir imediatamente, pois ele pediu um sinal a Deus.

É importante enfatizar que Gideão mostrou revolta e indignação diante do Senhor pela situação em que se encontrava o seu país, e tinha plena certeza de que aquela não era a vontade de Deus. Porém, diante de sua posição insignificante, ficava difícil, para ele, acreditar cem por cento no seu chamado. Por isso, ele pediu sinais...

É o que acontece com a maioria dos cristãos! Eles acreditam que Deus faz, hoje, o que Ele fez no passado; acreditam nas maravilhas que Deus fez na vida de outras pessoas que contam seus testemunhos, mas ainda dão lugar às dúvidas em suas mentes. Não duvidam do poder de Deus, é claro, mas duvidam que Ele os tenha escolhido também!

Eles dizem:

- Não, isso não é para mim...
- Eu não mereço isso...
- O meu destino é sofrer...

- Meu destino (meu fracasso) está escrito nas estrelas...
- Estou sendo provado...
- Essa é a minha cruz...
- Eu não tenho sorte...

Vou repetir: o maior problema das pessoas são os pensamentos de inferioridade ou o preconceito que elas têm sobre si mesmas.

Com palavras e pensamentos demoníacos, elas construíram barreiras de aço ao seu redor; e, quanto mais confessam esse tipo de pensamento, mais difícil é para que essas barreiras se quebrem, pois desenvolveram preconceitos e ideias negativas contra si mesmas. Por esse motivo, chegam a conclusões tolas, pensando que Deus é bom e grande apenas para os outros. Os estudiosos chamam isso de baixa autoestima. E esse modo de pensar impede a ação do Espírito Santo dentro da pessoa.

Nos pensamentos de Deus, encontramos este ensinamento:

Quem observa o vento, nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará.

Eclesiastes 11.4

Gideão também manifestou a mesma baixa autoestima de Moisés e Jeremias. Quando chamado, a resposta de Moisés para Deus foi: *"Quem sou eu, que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?"* (Êxodo 3.11). *"Mas eis que não me crerão, nem ouvirão a minha voz, porque dirão: O SENHOR não te apareceu"* (Êxodo 4.1). *"Ah, meu Senhor! Eu não sou homem eloquente, nem de ontem nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao Teu servo; porque sou pesado de boca e pesado de língua"* (Êxodo 4.10). *"Ah, meu Senhor! Envia pela mão daquele a quem Tu hás de enviar"* (Êxodo 4.13).

Diante de tantas desculpas, *"Se acendeu a ira do SENHOR contra Moisés."*

Foi assim que Jeremias respondeu ao seu chamado: *"Ah, Senhor DEUS! Eis que não sei falar; porque ainda sou um menino"* (Jeremias 1.6). E a reação imediata de Deus foi: *"Não digas: Eu sou um menino; porque a todos a quem Eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar, falarás"* (Jeremias 1.7).

Capítulo 7

O sinal

Se agora tenho achado graça aos Teus olhos, dá-me um sinal de que és Tu que falas comigo.

Juízes 6.17

Pedir um sinal a Deus é um sinal de dúvida. É como um contrato assinado por duas partes, co-assinado por testemunhas e, acima de tudo, certificado pelos registradores — ou seja, um sinal de que as partes desconfiam umas das outras.

Nem a aparição do Anjo do Senhor nem a sua conversa com Ele convenceu Gideão de que se tratava do Enviado de Deus. Por outro lado, não podemos condená-lo por essa fraqueza — afinal, ele não tinha a unção do Espírito Santo e estava sob extrema opressão de seus inimigos. Além disso, havia a idolatria que prevalecia dentro de sua própria casa, pois seu pai era seguidor de Baal e Aserá. De qualquer forma, seu pedido não foi considerado por Deus como um insulto, considerando a resposta positiva que recebeu.

Mas sob quais condições o sinal ocorreu?

Rogo-Te que daqui não Te apartes, até que eu volte e traga o meu presente, e o ponha perante Ti. E disse: Eu esperarei até que voltes.

Juízes 6.18

Gideão queria mais, muito mais do que palavras! Ele queria ter a mais absoluta certeza da autoridade divina naquela Pessoa com quem estava conversando, e uma maneira de confirmar isso era apresentando a sua oferta. Se aquela Pessoa realmente tivesse vindo da parte de Deus, sua oferta serviria como combustível para o fogo de Deus.

O fogo é o resultado da combustão, a criação simultânea de calor e luz. É frequentemente usado na Bíblia como um símbolo da presença de Deus, pois Sua presença queima o impuro e ilumina o caminho dos puros. O fogo sempre foi usado como um sinal da presença física de Deus diante dos homens. Na aliança feita com Abraão, Deus passou entre as partes dos animais na forma de uma tocha acesa; o fogo desceu sobre Sodoma e Gomorra; Deus apareceu a Moisés numa sarça ardente; o fogo consumiu Nadabe e Abiú; o fogo estava presente na consagração do templo; o fogo desceu do Céu para consumir a oferta do profeta Elias...

Era fato que o Deus de Abraão Se manifestava através do fogo; por isso, Elias desafiou os profetas de Baal, propondo que o deus que enviasse fogo do Céu para queimar o sacrifício provaria ser o verdadeiro Deus.

O fogo era essencial em todas as ofertas de sacrifício, por causa de sua importância simbólica. Nos tempos cristãos, o fogo manteve seu poder simbólico. No testemunho de João Batista, o Senhor Jesus batizaria com o Espírito Santo e com o fogo; o Senhor faz de Seus ministros labaredas de fogo; o fogo que não se apaga e o fogo que provará o trabalho de todos etc.

Gideão sabia que somente o verdadeiro Deus se manifestaria através do fogo. Por isso, suplicou ao Anjo do Senhor que não fosse embora até que ele lhe trouxesse a sua oferta.

Apesar da situação econômica de Israel naqueles dias, Gideão preparou um cabrito e pães ázimos. Ele tipificava o sacrifício do Senhor Jesus: no animal, o sangue; nos pães ázimos, o corpo do Filho de Deus.

Quando a Bíblia menciona pães ázimos, está falando de pão sem fermento. Isso significa pureza na oferta, pois o objetivo do fermento é aumentar o volume e a aparência do pão. Na lei das ofertas, o uso de fermento era proibido. Deus exige pureza nas ofertas — que sejam livres de fermento, livres de hipocrisia.

Gideão voltou com as suas ofertas preparadas e as apresentou ao Senhor. O cabrito havia sido cozido e colocado em uma cesta com os pães ázimos, e o caldo estava em uma panela, o qual ele apresentou ao Senhor. Mas o Senhor lhe ordenou que colocasse a carne e o pão em uma rocha e derramasse o caldo sobre ela.

A rocha simbolizava o Altar do Sacrifício, a Pedra Angular, o Senhor Jesus. Com a ponta de Seu cajado, o Anjo tocou a oferta e o fogo subiu da rocha, do Altar — não do Céu — e consumiu a oferta!

Em outras palavras, quando apresentamos uma oferta de sacrifício a Deus no Altar, o fogo se eleva como um sinal que confirma a aceitação de Deus em relação a nossa oferta. A oferta representa a vida inteira da pessoa. É por isso que é chamada de oferta de sacrifício, pois representa a vida do ofertante. O fogo de Deus sobe do Altar e penetra o mais íntimo do ofertante! Esse fogo, ou sinal de Deus, é a certeza absoluta, a fé sobrenatural, a convicção de que o Senhor aceita a oferta e confirma o cumprimento de Sua promessa ao ofertante.

Se a oferta é impura, se contém fermento, o fogo do Altar não a consome (pois Deus não aceita ofertas impuras) e o ofertante desce do Altar sem o sinal de Deus. Isso significa que a sua oferta foi em vão.

Capítulo 8

A oferta perfeita gera fogo

A resposta de Deus depende do tipo de oferta que oferecemos a Ele. O sinal dado a Gideão ocorreu por causa da oferta pura e sacrificial que ele deu. Quem quiser um sinal de Deus deve estar pronto para pagar o seu preço. A razão pela qual muitos são derrotados é que eles querem a bênção, mas não querem sacrificar por ela.

Não se trata de comprar ou fazer um acordo para receber as bênçãos de Deus, mas sim de assumir a fé nEle através de atitudes de fé. A oferta é a única expressão real da fé em Deus; não o dinheiro em si, mas o que ele representa na rocha, no Altar.

A oferta representa a vida do ofertante. O Altar representa o Senhor Jesus. Quando colocamos nossa oferta no Altar, estamos, de fato, colocando toda a nossa vida nas mãos de Deus.

Para entender melhor esse assunto, considere o seguinte: o que une os seres humanos é o amor, e o que nos une a Deus é a fé sobrenatural. Quando amamos alguém, temos um forte desejo de expressar esse amor por meio de presentes. Quando o amor é real, os presentes estarão no mesmo nível do amor que nos inspira. Há pessoas que chegam ao ponto de se endividarem para dar o melhor à pessoa que amam.

O mesmo acontece quando se trata da fé. A fé exige o melhor para Deus, da mesma maneira que o amor exige o melhor para a pessoa amada.

A fé sobrenatural em Deus nunca se contenta com um relacionamento teórico, assim como o amor nunca aceita um relacionamento com base na simples troca de declarações de amor. É por isso que existe o casamento — onde duas pessoas se comprometem para sempre, através de uma rendição mútua.

A fé sobrenatural exige o mesmo compromisso com Deus por meio de ofertas.

A vida do ofertante está em sua oferta; por isso, ela o representa. O Senhor Jesus foi a Oferta do Deus-Pai para o mundo. A vida do próprio Deus estava em Sua Oferta. Se Ele ofertou Sua própria vida, como Ele aceitará apenas parte de nossas vidas?

Nossa vida está em nossa oferta. Se a oferta no Altar for inferior a 100% de nossas vidas, Ele não a aceitará. É o nosso tudo pelo tudo de Deus!

Por esse motivo, a vida de uma pessoa depende da oferta que ela coloca no Altar.

Agora, podemos entender melhor a Palavra do Senhor Jesus, quando Ele disse:

Dai, e ser-vos-á dado [...] porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo.

Lucas 6.38

Como podemos ver, as bênçãos de Deus dependem do tipo de oferta que colocamos no Altar. A Bíblia nos ensina que, quando aprendemos a dar, aprendemos a receber.

Capítulo 9

A oferta e o fogo

Gideão testou a Deus pedindo a Ele um sinal. Esse sinal não era para que Ele mostrasse Seu poder; mas, para confirmar que Ele era o mesmo Deus de Abraão, Isaque e Israel, tinha de haver fogo. Por outro lado, o fogo de Deus só apareceria mediante a apresentação da oferta de sacrifício. Por isso, Gideão apresentou como oferta o cabrito e os pães ázimos.

O mesmo aconteceu na Aliança com Abraão, quando Deus passou pelas metades dos animais sacrificados na forma de um braseiro fumegante e de uma tocha acesa (cf. Gênesis 15.17-18); na revelação a Moisés, através da sarça ardente, a sarça estava em chamas, mas não se consumia (cf. Êxodo 3.2); na coluna de fogo, quando o Senhor guiou os filhos de Israel pelo deserto à noite (cf. Êxodo 13.22); quando o Senhor desceu no monte Sinai, ele estava coberto de fumaça, pois Deus havia descido sobre ele em fogo (cf. Êxodo 19.18); o Altar do tabernáculo deveria ter um fogo ardendo continuamente, o qual nunca poderia se apagar (cf. Levítico 6.13); quando os filhos de Arão ofereceram fogo estranho diante de Deus, o fogo saiu do Senhor e os consumiu — e eles morreram diante do Senhor (cf. Levítico 10.2).

Essa crença que eles mantinham naqueles dias também prevaleceu nos tempos dos apóstolos, como diz o escritor de Hebreus: **“Porque o nosso Deus é um fogo consumidor”** (Hebreus 12.29). Se essa crença não mudou naquele tempo, muito menos nos nossos dias, já que o Senhor Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre. O fogo estava sempre presente quando Deus aparecia, e, como no passado, Ele continua a aparecer através do fogo hoje.

Mas o fogo precisa de combustível! O combustível para a manifestação do fogo de Deus é a oferta de sacrifício sem fermento.

Quando Caim e Abel apresentaram seus sacrifícios, Deus rejeitou o de Caim. Por quê? Porque não tinha sangue, não tinha vida; isto é, o sacrifício dele não representava a sua vida. Por outro lado, o sacrifício de Abel foi aceito porque representava a vida dele.

Ambos ofereceram sacrifícios, mas um foi aceito e o outro não. Caim ficou extremamente zangado com Abel, não porque o irmão havia feito algo de errado, mas porque Caim tinha maus olhos. Seus maus olhos mostravam o que havia dentro de sua alma. (Os nascidos da carne nunca admitem seus erros e fraquezas; ao invés disso, sempre culpam os outros por seus fracassos...)

A culpa de Deus ter rejeitado o sacrifício de Caim era exclusivamente dele. Se sua oferta fosse adequada, Deus, naturalmente, a aceitaria. O mesmo acontece com aqueles que têm sido como feridas abertas na Igreja de nosso Senhor. São os nascidos da carne, doentes na alma, espiritualmente mornos — que, além de não entrarem no Reino de Deus, ficam à porta impedindo que outros entrem. O sacrifício deles tem o mesmo valor do de Caim. É por isso que eles não vencem na vida!

O servo de Deus, por exemplo, tem o fogo de Deus dentro dele — é o batismo com o Espírito Santo. Mas, para recebê-Lo de Deus, ele teve de sacrificar sua própria vida no altar de Deus.

Muitos dos chamados “homens de Deus” saem mundo **afora** dando discursos sobre Jesus, mas sem o Seu fogo. Outros se oferecem para fazer a Obra de Deus, afirmando terem tido o batismo de fogo. Mas o fato de serem incapazes de vencer o mal ou queimar o mal com seu “fogo” é um sinal claro de que eles

não têm o fogo de Deus e, por esse motivo, olham para os outros para descobrir o motivo de seus fracassos.

Como o fogo de Deus se manifesta na vida do servo? Quando o fogo **que há nele** queima todo o mal que aparece e o torna um vencedor! **Está** escrito que todo **aquele** que é nascido de Deus vence o mundo, **mas** por que tantos não vencem? Porque eles não têm o fogo! E por que eles não têm o fogo? Porque ainda não ofereceram o seu sacrifício. O fogo de Deus vem somente quando há o combustível do sacrifício.

Para que o fogo de Deus subisse, era necessária uma oferta. O sinal de Deus ocorreu após a apresentação de uma oferta. A oferta foi, e sempre será, o combustível para a manifestação do fogo de Deus na vida do ofertante.

A oferta era o elo entre Deus e Gideão para a manifestação do sinal.

Mas, agora, era a vez do Senhor provar Gideão. Mais uma vez, Ele usaria a oferta como meio de provar a sua fé. Em outras palavras, Deus usou a oferta para provar a Gideão que Ele era o verdadeiro Deus; e Gideão usou a oferta para provar sua fé em Deus.

Por essa razão, Deus pediu o segundo boi que pertencia a seu pai, a destruição do altar de Baal e a derrubada do poste de Aserá. Em seguida, ele teria **de** construir um novo **Altar** de pedra, sacrificar o novilho sobre ele e usar a madeira do poste de Aserá para o fogo.

A destruição do altar de Baal não seria tão desafiadora para Gideão quanto a construção de um novo **Altar** para o Senhor seu Deus.

Ele teve coragem de perguntar: ***"E que é feito de todas as Suas maravilhas que nossos pais nos contaram?"***, não teve?

Pois bem! Aquele mesmo Deus de maravilhas havia descido para encontrá-lo, mas não podia fazer nada por Israel enquanto o Seu lugar **estivesse** ocupado por Baal! Para mudar aquela situação crítica, Ele precisava que **Seu** lugar fosse limpo e desobstruído, para que, então, Ele pudesse ocupá-lo e, assim, **começar o** Seu trabalho.

O mesmo acontece na vida de muitas pessoas hoje. Elas acreditam na existência do Todo-Poderoso, mas vivem longe de Sua atenção. Por quê? Porque o seu altar, o coração, o espaço de Deus em sua vida, está sendo ocupado por Baal! Enquanto esse altar não for destruído e o **Altar** de Deus não for construído em seus corações, Ele não **poderá agir** e realizar milagres.

Capítulo 10

O Altar

Quando Moisés construiu o tabernáculo de Deus no deserto, havia dois altares: o Altar do holocausto e o Altar de incenso.

O Altar do holocausto estava situado em frente à entrada da tenda da congregação (cf. Êxodo 40.6). Ninguém poderia entrar no tabernáculo (presença de Deus) sem uma oferta de sacrifício pelos seus pecados — simbolizando o sacrifício do Senhor Jesus pelos pecados daqueles que nEle creem. Ninguém pode vir diante de Deus sem a fé de que o Senhor Jesus morreu por seus pecados. Isto é o que o Altar do holocausto simbolizava.

O Altar do incenso estava situado em frente à cortina do Santo dos Santos, dentro do tabernáculo (cf. Êxodo 30.1-10), onde os sacerdotes queimavam incenso diariamente, enchendo o tabernáculo com a sua fragrância. Isso simbolizava contínuo louvor e adoração a Deus.

A prova de Gideão exigiu a rendição total de sua vida nas mãos de Deus. Se sua dependência (fé) em Deus fosse realmente sincera, ele não hesitaria em arriscar sua vida pela fé. O próprio Senhor tornaria o nome de Gideão grande para sempre, mas ele **tinha de** pagar o preço, **se mantendo firme na** fé em Deus!

É muito importante notar que a oferta que Deus exigiu de Gideão causou um grande conflito em seu coração. Parece que Deus faz isso de propósito, para que a pessoa possa definir a sua fé e não ficar entre dois pensamentos. Ele ficou entre a obediência a Deus e o respeito pela idolatria, que era predominante na sua família e entre os israelitas em sua cidade. Ele teve de fazer uma escolha!

Determinado a ver uma mudança radical em Israel, Gideão tomou a decisão certa. Movido pela sabedoria, ele procurou cumprir o pedido de Deus no meio da noite. Se o fizesse durante o dia, certamente enfrentaria grande resistência por parte dos idólatras e, provavelmente, seria impedido de cumprir a sua tarefa. Ele ainda estava sozinho em sua fé. Portanto, podemos entender seus medos. Além disso, o Senhor não exigiu que a destruição do altar de Baal ocorresse durante o dia. A hora do dia não importava, apenas a sua destruição total.

Hoje em dia, há muitas leis feitas pelos filhos das trevas e inimigos de Deus para tornar ilegal a destruição dos altares de Baal. A sabedoria nos aconselha a não sair por aí destruindo os altares de outras pessoas. Devemos respeitar as pessoas, mesmo que sejam adoradoras de ídolos, assim como também queremos ser respeitados. Além disso, a Obra de Deus não é feita por força ou violência, como diz o profeta Zacarias (cf. Zacarias 4.6).

Mas quando uma pessoa se entrega ao Senhor Jesus Cristo de todo o coração, ela, imediatamente, recebe o dom da fé sobrenatural — a fé inteligente que vem do Espírito Santo —, seus olhos espirituais são abertos e ela percebe que Deus é Espírito, e não madeira pedra ou metal. Ela, então, tem o direito de derrubar seu próprio altar — o que, a propósito, deve ser feito logo após a sua conversão.

Capítulo 11

O segundo boi

O segundo boi, o altar de Baal e o poste de Aserá pertenciam a Joás, pai de Gideão. O fato de ele ser o dono desse altar sugere seu compromisso como sacerdote de Baal. Por isso, quando Gideão quebrou o altar, provocou a ira dos homens daquela cidade. Os israelitas que adoravam os ídolos se uniram para pressionar Joás, a fim de que ele entregasse o seu filho para ser morto. O sacrifício do segundo boi não foi tão ruim para eles quanto a destruição do altar de Baal.

Baal, o principal deus dos cananeus, era considerado o deus da fertilidade, da chuva e da colheita. A adoração a Baal envolvia a prostituição e até o sacrifício de crianças. Israel começou a adorar Baal a partir do momento em que desobedeceu a Palavra de Deus. E, é claro, quando alguém perde a visão da vontade de Deus, acaba abraçando as fantasias das religiões pagãs.

Joás, o pai de Gideão, seus parentes e todas as pessoas em sua cidade acreditavam tanto no poder de Baal que construíram um altar para ele, na esperança de verem seus rebanhos se multiplicarem abundantemente e, também, para que as chuvas viessem a tempo, a fim de terem uma colheita abundante. Contudo, ao invés de receberem o que esperavam, recebiam o contrário de Baal. Mesmo assim, continuaram confiando nele...

Essa estupidez espiritual ainda acontece nos dias de hoje.

O segundo boi que Deus pediu não era um simples boi, mas o substituto imediato do boi principal do rebanho.

Esse boi tinha apenas um propósito: reproduzir. Por esse motivo, recebia um tratamento especial. Sua comida era a melhor, mais nutritiva, e não fazia nenhum trabalho pesado, para não desperdiçar energia ou correr riscos desnecessários à saúde. Por ser um boi reprodutor, ficava separado dos outros bois e vacas. O futuro do rebanho de Joás dependia desse animal. Como tal, esse boi era um dos bens mais preciosos de Joás, e Gideão era um de seus herdeiros.

Deus sabia o que estava pedindo, e Gideão sabia o que estava sacrificando.

Capítulo 12

Ser revestido do Espírito

Assim que Gideão colocou a sua fé em prática, mesmo correndo risco de vida, o Espírito do Senhor o revestiu de poder. Em outras palavras, ele recebeu a autoridade de Deus para cumprir a Sua vontade.

É bom enfatizar que Gideão já havia estado com Deus duas vezes: a primeira, quando ele malhava o trigo no lagar, e a segunda, na noite em que Deus lhe pediu o segundo boi. Mas somente depois que obedeceu à voz de Deus, ele recebeu a unção do Espírito Santo.

Novamente, enfatizamos que a reação de Deus em relação a Gideão foi provocada pela ação de Gideão sobre a Palavra de Deus. Em outras palavras, sua obediência provocou a reação de Deus em seu favor. Até então, ele havia recebido apenas promessas; mas, depois da materialização de sua fé, o Senhor o respondeu positivamente.

O mesmo aconteceu com todos os outros homens de Deus. Quem quiser ser um instrumento nas mãos de Deus ou se beneficiar de Suas maravilhas deve passar pelo Altar do sacrifício. De fato, todas as conquistas da vida, independentemente da fé em Deus, exigem sacrifício. Quem já conseguiu algo sem pagar o preço do sacrifício?

Para que uma mulher se torne mãe, ela deve sacrificar o seu corpo; o sacrifício de trabalhar, arduamente, resulta em um bom salário; o sacrifício de anos de estudos resulta em um diploma profissional; o sacrifício da semeadura resulta na colheita... Ou seja, os frutos de tudo na vida dependem dos sacrifícios que fazemos. De fato, o sacrifício é a distância mais curta entre um sonho e a realização desse sonho.

Se o Senhor Deus teve de sacrificar Seu Único Filho para, então, ser Pai de muitos outros filhos, não teríamos nós de seguir o mesmo caminho de sacrifício para alcançarmos o sucesso na vida? Portanto, Gideão foi revestido com a autoridade de Deus somente depois que, de forma obediente, sacrificou o que Deus lhe havia pedido.

Capítulo 13

Colocando Deus à prova

Tendo recebido autoridade divina para salvar seu povo de seus inimigos, Gideão, mais uma vez, testa o chamado de Deus.

E disse Gideão a Deus: Se hás de livrar a Israel por minha mão, como disseste, eis que eu porei um velo de lã na eira; se o orvalho estiver somente no velo, e toda a terra ficar seca, então conhecerei que hás de livrar a Israel por minha mão, como disseste.

Juizes 6.36-37

Mediante a unção de Deus, Gideão convocou quatro tribos de Israel para combater os midianitas: Manassés (a tribo de seu pai), Aser, Zebulom e Naftali. Numericamente, sua posição em relação aos inimigos era assustadoramente inferior. Enquanto os seus soldados totalizavam 32 mil, os midianitas, amalequitas e os povos do Oriente cobriam o vale inteiro como uma nuvem de gafanhotos que não podia ser contada.

Provavelmente, foi por isso que Gideão queria ter certeza de seu chamado. Não há dúvida de que o Senhor o havia chamado e o permitido conduzir o Seu povo à vitória sobre seus inimigos. Mas, naquele momento, sua visão física falou mais alto e o assustou. Isso revela algo muito interessante para nós: embora Gideão estivesse possuído pelo Espírito de Deus, ele se deixou surpreender com o que seus olhos físicos lhe mostravam. Isso significa que a visão espiritual não cancela, automaticamente, a visão física, daí a grande necessidade de vigiar sempre.

Apenas a autoridade de Deus não impede os ataques do mal. É preciso estar atento e em alerta para repreender os sentimentos humanos que destroem a ação da fé.

Nunca, jamais, devemos subestimar o poder de influência que os sentimentos humanos têm contra a fé.

Essa passagem bíblica sobre Gideão é um claro exemplo disso. Ele estava possuído pelo Espírito Santo, mas estava cheio de medo. Ele temia mais os seus inimigos do que a Deus — e o pior é que ele estava ciente do quão pecaminoso era pôr Deus à prova. Tal coisa era estritamente proibida em Israel. Foi por isso que ele disse: *“Não se acenda contra mim a Tua ira, se ainda falar só esta vez”*.

Mas Deus foi misericordioso e compassivo com ele; afinal, ele era apenas um homem e, portanto, sujeito às fraquezas humanas. Quantas vezes somos tomados, de surpresa, pelo medo e pelo pânico, apesar de termos sido ungidos com o Espírito Santo? Graças a Deus por Sua compaixão, misericórdia e paciência, pois Ele não nos trata segundo os nossos méritos.

É errado, e até pecaminoso, colocar Deus à prova, exceto no caso de dízimos e ofertas. Provar a Deus significa duvidar do cumprimento de Suas promessas e cobrá-Lo nisso. Por exemplo, não se deve dizer: “Se o Senhor é real, me cure então!” ou: “Se o Senhor existe, então salve o meu filho, o meu marido...”. Esse tipo de prova envolve apenas palavras; é inconsistente e puramente teórica. É muito diferente da prova com dízimos e ofertas. Nesse caso, a pessoa prova a Deus de maneira concreta, não teórica! Quando o cristão apresenta os seus

dízimos e ofertas, ele prova as suas convicções. Afinal, algo físico e valioso está sendo tirado dele por causa de sua fé.

Na prova dos dízimos e das ofertas, o cristão está, antes de tudo, provando a si mesmo. Por outro lado, ao usar teorias, não há prova de si mesmo, apenas de Deus. Desse modo, colocar Deus a prova não é uma expressão de fé, mas sim de dúvida.

A prova de Gideão não tinha valor ou expressão de fé, apenas dúvida. Apesar disso, o Senhor entendeu a sua situação e atendeu ao seu pedido. No entanto, mais tarde, Deus o colocaria à prova novamente, enviando-o para lutar, contra uma multidão, com apenas trezentos homens.

Capítulo 14

Selecionando os trezentos

A nomeação de um homem de Deus nunca é baseada em sua aparência externa. Ele pode até ser um servo como Nicodemos, cuja educação lhe deu a oportunidade de representar a fé cristã dentro do palácio; mas, do ponto de vista espiritual, quando se tratava de libertar as pessoas, Deus sempre escolhia pessoas comuns, que não podiam depender de sua capacidade intelectual, uma vez que a batalha era travada no campo espiritual. Nesse campo, só se pode, realmente, contar com a fé viva, isto é, a dependência em Deus.

E isso faz muito sentido, uma vez que a batalha travada no campo espiritual não precisa do conhecimento humano. Pelo contrário, o conhecimento humano só torna as coisas mais difíceis, pois quando alguém o adquire, tende a desprezar os conceitos espirituais da fé, que são simples. É exatamente por isso que Paulo disse:

E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. E a minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder; para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. Todavia falamos sabedoria entre os perfeitos; não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam; mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória.

1Coríntios 2.1-8

Capacidade intelectual, força e beleza são virtudes externas importantes, mas inúteis na batalha contra o inferno. Nos critérios de Deus, o que conta é a dependência nEle. Na escolha de Davi como rei, o Senhor disse a Samuel, o profeta: *“Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o SENHOR olha para o coração”* (1Samuel 16.7).

Quando Gideão tocou a trombeta, 32 mil homens de quatro das doze tribos se apresentaram: Manassés, Aser, Zebulom e Naftali. Mas Deus lhe disse:

E disse o SENHOR a Gideão: Muito é o povo que está contigo, para Eu dar aos midianitas em sua mão; a fim de que Israel não se glorie contra Mim, dizendo: A minha mão me livrou. Agora, pois, apregoa aos ouvidos do povo, dizendo: Quem for medroso e tímido, volte, e retire-se apressadamente das montanhas de Gileade. Então voltaram do povo vinte e dois mil, e dez mil ficaram.

Juízes 7.2-3

O que chama a atenção, nesta passagem, é que o Senhor excluiu os tímidos e medrosos desse alistamento inicial. E o pior de tudo é que eles mesmos se consideravam tímidos e medrosos! Ninguém apontou para eles e disse: “Você está com medo” ou “Você é um covarde”. De forma alguma! Eles mesmos, acusados por sua própria consciência, se retiraram da batalha.

E disse o SENHOR a Gideão: Ainda há muito povo; faze-os descer às águas, e ali os provarei.

Juizes 7.4

Os dez mil homens restantes não eram tímidos e medrosos. Mesmo assim, cada um tinha de ser provado pelo próprio Deus. E essa prova aconteceu em um pequeno lago, não em águas turbulentas e perigosas, mas em águas tranquilas, limpas e doces. O lago não oferecia nenhum risco de vida. E por que Deus os provou nessas águas? Talvez porque, quando em paz, manifestamos detalhes secretos de nossa alma.

Nove mil e setecentos homens se ajoelharam para beber, enquanto apenas trezentos bebiam de pé. Quando os trezentos beberam água em pé, mostraram vigor, força e prontidão — enquanto os que se ajoelharam buscavam conforto. Esse foi um sinal de fraqueza e cansaço. Eles se ajoelharam, provavelmente, porque não podiam se deitar, senão o teriam feito.

O fato é que os escolhidos de Deus devem ser fortes e corajosos. A força necessária, aqui, não é externa, mas interna. Quando alguém tem um objetivo e está determinado, desistir não é uma opção. Os fortes são persistentes, mas não teimosos.

Quem busca conforto e comodidade para cumprir seus deveres acaba por não conseguir nada.

Os escolhidos de Deus se distinguiram de todos os outros filhos de Israel.

Capítulo 15

Trombetas, cântaros e fogo

Na seleção dos 300, Deus escolheu apenas homens de fé. Eles estavam prontos para a guerra física, mas, acima de tudo, haviam sido escolhidos para a guerra espiritual. Eles tinham mais do que coragem e bravura dentro de si — tinham o fogo da fé, o fogo da total confiança em Deus. A visão da grandeza de Deus ultrapassava todas as suas habilidades físicas e intelectuais; por isso, eles se armaram apenas com cântaros e trombetas — as armas de Deus.

Não podemos acusar os 9.700 restantes de serem covardes ou medrosos; no entanto, eles não estavam prontos para aquele tipo de guerra. Eles poderiam até ser úteis em outras guerras, mas não na guerra de Deus. Eles estavam cheios de ousadia e coragem apenas para segurar a espada, mas não a trombeta e o cântaro com o fogo.

Paulo ensina que as armas com as quais lutamos não são as armas do mundo. Pelo contrário, elas têm o poder divino para destruir fortalezas e argumentos (cf. 2Coríntios 10.4-5).

Eles confiavam em armas físicas porque acreditavam que a guerra seria física. Se tivessem sido recrutados, certamente teriam se afastado dos outros assim que percebessem que as únicas armas disponíveis eram trombetas e tochas dentro de cântaros de barro.

Esse é o problema de muitos cristãos. Eles querem vencer o inferno usando suas próprias armas. Usam mentiras para enganar e tirar proveito dos outros. Em outras palavras, usam as armas do diabo para tentar vencê-lo. Eles recorrem à malandragem para obter ganhos e, mais tarde, tentam justificar suas falhas, acusando outras pessoas de serem “injustas” com elas. Será que é possível vencermos o diabo usando as armas dele? Podemos conquistar a vida abundante prometida pelo Senhor Jesus usando a força do nosso braço? Não. Nunca.

O verdadeiro cristão deve aprender a usar as armas de Deus disponíveis para ele; caso contrário, ele nunca vencerá.

Aqueles que nasceram de Deus foram escolhidos para destruir fortalezas, usando apenas as armas de Deus. Foi com essas armas que os guerreiros de Gideão se prepararam para enfrentar os midianitas, amalequitas e os povos do Oriente. Eles se destacaram do resto porque tinham o fogo de Deus dentro deles. Foram movidos pelo poder da fé, a arma de Deus dentro deles. Eles eram apenas 3% de todos os poderosos guerreiros, mas fizeram a diferença por causa de sua alta qualidade.

Do ponto de vista humano, era realmente pura loucura. Eles não tinham espadas ou qualquer outro tipo de arma humana para enfrentar exércitos tão poderosos. Eles, simplesmente, confiaram na Palavra de Deus. Ou seja, eles materializaram a fé de que Deus cumpriria o que prometeu. E, para esse fim, cada um pegou a sua trombeta, o seu cântaro e a sua tocha.

Como armas espirituais, a trombeta, o cântaro e o fogo não foram feitos para confrontos físicos. A trombeta era um instrumento para reunir o povo, mas o poder de Deus estava implícito em sua simples representação. O toque da trombeta representou o grito desesperado de um povo, o grito da alma para o Único que poderia libertá-los — o Deus Vivo, o Senhor Todo-Poderoso. O cântaro e o fogo simbolizavam a vida do guerreiro, com sua fé ardendo por dentro.

Deus é tão misericordioso que não exige que alguém tenha habilidade intelectual, educação, diploma ou coisa semelhante para receber as Suas bênçãos. Um espírito quebrantado e um clamor sincero são suficientes.

Os inimigos estavam acampados em um vale logo abaixo de Israel e o cobriam como uma nuvem de gafanhotos. Eles eram inimigos entre si, mas, agora, estavam unidos contra o povo de Deus. Além da multidão de midianitas, amalequitas e todos os outros povos do Oriente, ainda havia os camelos, que não podiam ser contados. Isso os fez parecer ainda mais numerosos, o que aterrorizou o acampamento dos israelitas.

Gideão, obviamente, estava agitado diante daquela visão, pois não sabia como os enfrentaria sem armas. Foi por isso que o Senhor apareceu a ele naquela mesma noite e disse: *"E, se ainda temes descer, desce tu e teu moço Purá, ao arraial; e ouvirás o que dizem"* (Juízes 7.10-11).

Capítulo 16

O sonho dos inimigos

Imediatamente, Gideão obedeceu à voz de Deus e levou seu servo Purá, provavelmente um dos dez que o ajudaram a destruir o altar de Baal, descendo sorrateiramente para o campo inimigo.

Chegando, pois, Gideão, eis que estava contando um homem ao seu companheiro um sonho, e dizia: Eis que tive um sonho, eis que um pão de cevada torrado rodava pelo arraial dos midianitas, e chegava até à tenda, e a feriu, e caiu, e a transtornou de cima para baixo; e ficou caída. E respondeu o seu companheiro, e disse: Não é isto outra coisa, senão a espada de Gideão, filho de Joás, varão israelita. Deus tem dado na sua mão aos midianitas, e todo este arraial.

Juízes 7.13-14

Devemos entender que existem dois tipos de sonhos: o natural e o sobrenatural. No que diz respeito ao sonho natural, não é preciso ser convertido ou acreditar em Deus para se ter um. Faz parte da natureza humana e é comum a qualquer pessoa. É uma coleção de ideias e imagens confusas que, geralmente, não fazem sentido e ocorrem durante o sono.

O cérebro humano é como um computador. A mente humana registra imagens, sons e outros sentidos de cada momento do dia. Durante o sono, quando o corpo está relaxado, essas imagens gravadas no subconsciente são trazidas à consciência, resultando em sonhos confusos. Isso acontece porque as imagens armazenadas são misturadas. É por isso que os sonhos são vagos, sem uma sequência lógica e sem sentido.

Os sonhos sobrenaturais são aqueles com significado espiritual. Nos tempos antigos, o Senhor os usava para comunicar o futuro, com o objetivo de beneficiar a Sua Obra como um todo. Durante o sono, Ele colocava imagens de eventos futuros na mente de determinadas pessoas.

Os espíritos malignos também fizeram e ainda fazem o mesmo com as suas vítimas. Eles, geralmente, trazem imagens de eventos que eles farão acontecer em um futuro próximo. É o caso, por exemplo, de pessoas que sofrem de possessão demoníaca e sonham com acidentes. Para ganhar a confiança de suas vítimas, os próprios espíritos causam esses acidentes fatais.

Hoje em dia, é extremamente raro Deus falar através de sonhos, uma vez que temos a Sua Palavra escrita. Durante mais de 50 anos de conversão, o Senhor nunca me deu instrução através de sonhos, visões ou profecias. O que recebemos são visões, sonhos e profecias, inspiradas pelo Espírito Santo, através da meditação em Sua Palavra.

É a Bíblia que tem aberto nossos olhos espirituais para uma visão perspicaz da vontade de Deus. Ele tem iluminado o nosso entendimento para sonhos que podem ser alcançados, não fantasias. Sempre que uma pessoa é pega de surpresa em um sonho trágico, a melhor coisa a se fazer é, imediatamente, pedir ao Senhor para libertá-la desse mal.

Deus havia dado a Gideão três grandes sinais de que era com ele. Além disso, ele havia sido revestido com o Espírito do Senhor. Mesmo assim, Gideão estava

agitado em sua alma. Isso nos dá uma ideia da terrível situação em que ele se encontrava. Portanto, para encorajá-lo e, ao mesmo tempo, desencorajar os inimigos, o Senhor plantou um sonho no meio do campo inimigo.

Eis que tive um sonho, eis que um pão de cevada torrado rodava pelo arraial dos midianitas, e chegava até à tenda, e a feriu, e caiu, e a transtornou de cima para baixo; e ficou caída. E respondeu o seu companheiro, e disse: Não é isto outra coisa, senão a espada de Gideão, filho de Joás, varão israelita. Deus tem dado na sua mão aos midianitas, e todo este arraial.

Juízes 7.13-14

Encorajado pela interpretação do sonho, Gideão se libertou daquela angústia, do medo e da dúvida, e adorou ao Senhor. Sua adoração expressou a plena certeza da vitória.

Era necessário ouvir, da boca do inimigo, uma confissão de derrota para que Gideão, finalmente, se sentisse aliviado. Depois disso, ele voltou ao seu acampamento e encorajou os seus homens com a mesma fé que recebeu.

Capítulo 17

Diretrizes para a guerra

Dividindo os 300 homens em três companhias, Gideão colocou, nas mãos de todos eles, trombetas e cântaros vazios, com tochas dentro. Em seguida, ele lhes disse: *"Olhai para mim, e fazei como eu fizer; e eis que, chegando eu à extremidade do arraial, será que, como eu fizer, assim fareis vós"* (Juízes 7.17).

Aqui está um dos grandes segredos da vitória de Gideão, que precisa ser praticado por todos aqueles que se dizem cristãos: unidade.

Os trezentos homens não eram nada comparados à multidão dos inimigos, mas cada um deles tinha o mesmo espírito, a mesma disposição, o mesmo pensamento e a mesma fé. Como Deus é Um, também eram os trezentos.

A liderança de Gideão era inquestionável; sem queixas, sem dúvidas e sem fofocas! Ele tinha autoridade de Deus para dizer: *"Olhai para mim, e fazei como eu fizer [...] Tocando eu a trombeta, eu e todos os que comigo estiverem, então também vós tocareis a trombeta ao redor de todo o arraial, e direis: Espada do SENHOR, e de Gideão"* (Juízes 7.17-18).

Imagine a cena, tarde da noite, um acampamento com milhares de soldados dormindo. De repente, o som ensurdecedor de 300 trombetas rompe o silêncio da multidão adormecida. Em seguida, o som das trombetas é interrompido pelo barulho de potes quebrados e a luz de trezentas tochas brilha no escuro. Adicione a isso o som de vozes gritando: *"Espada do SENHOR, e de Gideão!"* (Juízes 7.20).

Essa atmosfera de guerra, no meio da noite, causou terror, medo e desespero no inimigo. Acima de tudo, os anjos do Senhor, sem dúvida, multiplicaram o grito de guerra muitas vezes.

Observe que não houve violência da parte de Gideão e de seus homens contra os midianitas; o próprio Deus fez com que os inimigos se matassem devido ao grande alvoroço provocado por todo aquele barulho. A guerra não era mais dos israelitas, mas de Deus. É exatamente isso que acontece quando uma pessoa age de acordo com sua fé em Deus, quando coloca uma causa justa em Suas mãos e confia.

Vale a pena ressaltar que a atitude de Gideão e de seus guerreiros, de quebrar os cântaros, simbolizava o rompimento sacrificial de suas próprias vidas diante do Todo-Poderoso, uma vez que a vida de cada guerreiro era representada por seu próprio cântaro. Ficar nas colinas, ao redor do vale, significava que Gideão e seus guerreiros estavam colocando suas vidas no altar natural daquelas montanhas. Somente depois que cada um deles quebrou o seu cântaro, o fogo de cada tocha refletiu sua luz no campo do inimigo.

Se, realmente, queremos o Senhor como o Defensor de nossa causa, devemos pagar o preço devido. Temos de nos quebrar diante dEle com um clamor sincero e humilde submissão. Na prática, isso envolve abnegação e sacrifício de nossas próprias vidas, como aconteceu com os 300 de Gideão. Somente então, a luz de Deus produzirá resultados.

O Senhor Jesus disse: *"Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-Me"* (Lucas 9.23).

Um sonho firmemente estabelecido em seus corações os levou ao sacrifício de suas próprias vidas, em troca da realização desse sonho.

Quando o som das trombetas soou, os cântaros foram quebrados e a luz das tochas brilhou. O resultado foi a destruição total dos inimigos.

“Espada do SENHOR, e de Gideão” significava a unidade de propósito, fé e determinação. Contudo, a espada não é apenas do Senhor. Toda igreja diz ter fé no Senhor Jesus, mas o que nem sempre existe é a espada de Gideão, ou seja, a unidade daqueles que formam o corpo da Igreja do Senhor Jesus em sua fé contra todo o mal.

A vitória de Gideão exigiu unidade. Por isso, era melhor serem poucos soldados, mas estarem todos unidos em torno de um mesmo sonho, num só espírito, numa só fé, tendo um só Senhor e um só líder.

CURTA:

<https://www.facebook.com/valentesdoaltaroficial>

SIGA:

<https://www.instagram.com/valentesdoaltaroficial>

Capa: Paulo Junior

Ilustração de capa: Roberto Moreira

**Revisão de texto: Kaique Ferreira e
Adriana Bonone**

**Conversão para e-book: Gabriela
Arruda**

M141G

MACEDO, EDIR, 1945

**GIDEÃO E OS 300 - COMO DEUS
REALIZA O EXTRAORDINÁRIO
ATRAVÉS DE PESSOAS COMUNS / EDIR
MACEDO.**

SÃO PAULO: UNIPRO, 2020.

ISBN 978-65-86018-25-7

1. BÍBLIA. 2. MORAL CRISTÃ. I. TÍTULO.

CDD-240

Copyright © 2020 Unipro Editora
Todos os direitos reservados e
protegidos pela Lei 9.610, de
19.02.1998. É proibida a reprodução
total ou parcial sem a expressa
anuência da editora. Este livro foi
revisado segundo o Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa.
Os textos bíblicos citados estão na
versão Almeida Corrigida Fiel (ACF),
da Sociedade Bíblica Trinitariana do
Brasil, salvo expressa menção.

Direção executiva: Marcos Xavier
Edição e coordenação editorial:
Sandra Gouvêa
Direção de arte: Paulo Junior
Projeto gráfico: Willian Souza



Rua João Boemer, 296 — Brás
CEP: 03018-000 — São Paulo — SP
Tel.: (11) 5555-1380
comercial@unipro.com.br
www.unipro.com.br

COMO DEUS REALIZA O
EXTRAORDINÁRIO
ATRAVÉS DE PESSOAS COMUNS

Gideão
e os
300

EDIR MACEDO

Copyrighted material